



Roteiros

11. Boletim Informativo do Instituto Dom João de Castro

A QUEDA DE UM ANJO E A CLASSE POLÍTICA

por **ADRIANO MOREIRA**

1 — Na dedicatória a António Rodrigues de Sampaio, datada de 27 de Setembro de 1865, Camilo fala de *A Queda de Um Anjo* como de um livro futilíssimo, e não singular, nessa espécie, dentro da sua obra. Por seu lado, quando Bigotte Chorão intenta definir uma Biblioteca Ideal de Camilo, seleccionada entre os supostos 180 títulos e 54 000 páginas que lhe atribui Fialho, inclui logo *A Queda de Um Anjo* (1866), que chama «um livro todo satírico». Abstraindo dos critérios literários para adoptar um ponto de vista exclusivamente político, talvez ambos os juízos sejam exactos, dando por suposto que é legítimo atribuir um valor político à obra, e que esta não escapa à regra de se libertar do autor para ser prisioneira dos intérpretes.

2 — Que pareça futilíssima a vida política activa a quem vivia intensamente todas as fases da crise religiosa, e a angústia da meditação sobre o destino final, dando a mais trágica prova do tormento que lhe terá sido viver, não é exemplo sem muitas repetições. E pode ter influenciado esse juízo o facto de, justamente em 1865, ter Camilo discursado em comícios eleitorais, a favor da candidatura de Custódio José Vieira a deputado pelo Porto. A oratória de comício, as artes comiceiras, a pequena experiência de Estado espectáculo que cada acto de propaganda política exprime em busca do poder, não devem ter estimulado a admiração de quem, havendo ainda de perder a fé, nunca ficaria indiferente em matéria de religião. Futilíssimas

lhe deviam parecer as inquietações, as lutas, as conveniências, as ambições, que se exprimem num comício, e que aumentam de volume, mas não mudam de perfil, quando transferidas para o plano mais geral da conquista do governo.

Todavia, esta atitude frequente perante a política activa, também é frequente que se manifeste em homens que possuem uma concepção muito bem definida do seu país, da sociedade civil deste, dos interesses nacionais permanentes, da importância colectiva do passado, e da urgência de escolher o futuro. Nenhum destes interesses ou objectivos se preservam ou realizam sem política, e todavia esses a condenam como futilíssima, desapegada das realidades, prejudicial e servidora de vantagens menos confessáveis. Nesta contradição fazem a política da abstenção e da crítica, acabando por identificar uma chamada classe política, que é o objecto da análise, da sátira, da condenação, e geralmente acusada de estar divorciada do país real.

3 — É por isso que o livro deve realmente figurar na biblioteca ideal camiliana, parecendo certo que se o intervencionismo político de Camilo foi sem real significado, a sua intervenção na definição da sociedade civil, na identificação dos valores que considerava fundamentais, no diagnóstico da permanente dialéctica cultural que anima a arte de ser português, foi extremamente importante, e

(Continua nas páginas centrais)

Colóquio / debate na Guarda

Há tempos vinham insistindo com a Direcção do Instituto na realização de um Colóquio-Debate sobre Descobrimientos, na Guarda. Porém, o problema da distância da sede do Instituto, o receio do frio, foram adiando a realização do Colóquio e deu-se prioridade a outras capitais de distrito.

Em pleno Verão, em Julho, e numa visita feita à Câmara Municipal da Guarda por outros motivos, surgiu a ideia e a vontade decidida para se realizar o já várias vezes solicitado Colóquio. Bendita e louvada a hora e o momento desse dia 24 de Julho passado, quando expus o projecto ao Sr. Vereador da Cultura, Dr. Carlos António Baía Pires dos Santos, e logo confirmado pelo Sr. Presidente da Câmara Municipal, com. Abílio Curto.

Tudo foi fácil, tendo em conta a eficiência dos serviços da Câmara Municipal.

Preparação do Colóquio

Escolheu-se um tema de grande actualidade, tendo em conta os destinatários, as pessoas convidadas a tratá-lo e ainda o local onde se iria realizar.

Programa Tema — Rotas de Portugal no Contexto da Nossa Integração Europeia. O tema seria considerado em três vertentes: Rota Atlântica, Rota do Oriente e Rota Europeia.

A Guarda é rica na herança deixada pela época dos Descobrimientos, e daí a Comunicação: «Herança dos Descobrimientos».

O Programa contemplaria, pois, 4 Comunicações.

Segundo a orientação de aproveitar os recursos da região, seriam convidados: o Dr. António Almeida Santos para tratar a Rota Europeia, o Prof. Doutor José Veiga Simão, para desenvolver a Rota Atlântica; a Rota do Oriente seria abordada pelo Presidente da Direcção do Instituto D. João de Castro, também natural da Beira Alta; e para tratar o tema da «Herança dos Descobrimientos» na Guarda foi convidada a Dr.ª Ângela Barreto Xavier, recém-licenciada em História de Arte, pela Universidade Nova de Lisboa, e ligada também à Guarda.

Programou-se também uma visita guiada à Catedral da Guarda.

Destinatário. O programa era dirigido ao escolho intelectual da cidade e aos professores de História, Português, Francês, Geografia, Filosofia e Ciências Sociais, das Escolas Secundárias do Distrito.

Foram feitos os convites pessoais, seguindo um critério de personalização.

Execução do Programa. O programa previsto preenchia todo o dia de sábado, 24 de Novembro, na magnífica sala do Hotel Turismo.

A abertura foi feita pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal da Guarda, com. Abílio Curto, que,



além de dar as boas-vindas aos 160 participantes, falou, e muito bem, a importância deste Colóquio no contexto que a nossa Comunidade nacional está vivendo, e muito especialmente a região da Beira Alta, e destacou o alto nível das pessoas convidadas para abordar o tema, sendo todas do distrito e região, o que certamente prova os altos valores humanos e intelectuais que a região sempre ofereceu ao País.

A seguir, o Presidente da Direcção do Instituto apresentou o programa expressamente elaborado e com muito carinho, para a cidade da Guarda e referiu-se aos objectivos do Instituto D. João de Castro e expressamente ao seu estado de «missão» neste contexto das Comemorações do V Centenário dos Descobrimientos. Agradeceu aos participantes a confiança depositada na Direcção do Instituto e ainda o carinho e interesse com que aceitaram o convite feito.

Tomou, depois, a palavra a Dr.ª Ângela Maria Barreto Xavier, que desenvolveu com muita eficiência e espírito crítico o tema de Herança da Época dos Descobrimientos na Cidade, destacando a Sé e o edifício da Câmara Municipal.

Seguidamente, e na sequência desta 1.ª Comemoração a Prof.ª Doutora D. Maria Adelaide F. Pires apresentou uma breve Comunicação, muito oportuna e relativa à comunicação da Herança dos Descobrimientos nas suas várias facetas, nas Escolas Secundárias, tanto nos programas curriculares como em acções extra-curriculares. Esta Comunicação teve muito interesse, tendo em conta o tipo de estudantes que neste momento frequenta as Escolas Secundárias, sendo muitos deles filhos de emigrantes.

Após um intervalo para tomar café, de imediato se visitou a Sé. A visita foi acompanhada com uma explicação, aproveitando a Comunicação feita pela Dr.ª Ângela.

Pelas 13 horas, foi servido, no Hotel Turismo, o almoço a todos os participantes, oferecido pelo Governo Civil e Câmara Municipal. Participaram a Senhora Go-

(Continua na página seguinte)

(Continuação da página anterior)

vernadora Civil, Dr.^a D. Marília Dulce Raimundo, e o Sr. com. Abílio Curto, Presidente da Câmara Municipal.

Após o almoço, seguiu-se a parte do programa estabelecida para a tarde, integrado pelas três Comunicações, que constituíam o cerne do Colóquio.

O Dr. António Almeida Santos expôs a nova Rota Europeia, o Prof. José Veiga Simão dissertou sobre a actualidade da Rota Atlântica e o Presidente do Instituto D. João de Castro dissertou sobre os interesses portugueses no Oriente, expressamente em Macau, no actual momento, após a assinatura do protocolo com a China em 1987 e como assegurá-los.

Seguiu-se um período de intervenção dos participantes que quiseram exprimir o seu pensamento sobre os temas do Colóquio e, às 19 horas, a Senhora Governadora Civil, Dr.^a D. Marília Dulce Raimundo, encerrou o Colóquio com uma bela dissertação em relação à identidade nacional, neste momento da nossa integração na Comunidade Europeia, destacando a figura de Camões como um dos Construtores da Europa, enquanto Centro do Mundo — o Euro-Mundo.

* * *

Apraz-me trasladar os comentários do «Comércio do Porto em relação às Comunicações do Dr. Almeida Santos e do Prof. Veiga Simão, e de «O Dia», em relação ao discurso do encerramento do Colóquio da Senhora Governadora Civil do distrito, Dr.^a D. Marília Dulce Raimundo:

(...) A «Prudência na Rota da Europa» e «Privilegiar a Rota do Atlântico» foram os temas apresentados, respectivamente, por Almeida Santos e Veiga Simão, que abordaram a necessidade de Portugal preservar a sua identidade como nação e ainda as influências das mutações político-sociais na Europa de Leste.

* * *

Para Veiga Simão, a unificação económica e monetária europeia trazem a Portugal efeitos benéficos no desenvolvimento económico e emprego.

Defendeu, por outro lado, a integração do escudo no Sistema Monetário Europeu e comentou que «se estivermos à espera da taxa de inflação confortável, não entraremos tão cedo no sistema».

Na sua óptica, os Portugueses podem lucrar com a livre circulação de pessoas e bens na CEE e com «a dupla cidadania, dado que as nações onde trabalham deixam de ser países de acolhimento e os trabalhadores portugueses deixam, assim, de ser cidadãos de segunda».

Almeida Santos defendeu a integração portuguesa na Comunidade Europeia e a unidade da CEE, dada a existência de laços culturais e históricos comuns entre os países que a constituem.



O Presidente da Direcção do Instituto com participantes do Colóquio na Sé da Guarda

* * *

Segundo disse Almeida Santos, não há contradição entre «pertencer à Europa e comunicar com a África», factos que, na sua opinião, se completam, acrescentando que importa «não alimentar a confusão, na perspectiva de um melhor regresso maciço a África».

Almeida Santos observou que as ex-colónias portuguesas podem constituir fonte de mão-de-obra para preencher «o vazio do êxodo em direcção à Europa», por parte dos emigrantes portugueses.

Foram ainda intervenientes no seminário, o presidente da Câmara da Guarda, Abílio Curto, e o presidente da direcção do Instituto D. João de Castro, Joaquim António de Aguiar, que falou da necessidade de preservar o património cultural e monumental português em Macau, sobretudo após a integração do território na República Chinesa.

* * *

A Governadora Civil da Guarda afirmou que Luís de Camões pode ser apresentado como um dos construtores da Europa e um dos primeiros portugueses a perceber que as pátrias têm de conviver entre si.

Marília Raimundo falava no encerramento de um seminário intitulado «As rotas de Portugal», que foi promovido pelo Instituto Dom João de Castro, e inserido nas comemorações do 791.^o aniversário da atribuição do foral à Guarda, por Dom Sancho, e dos 500 anos dos Descobrimentos Portugueses.

Camões, segundo disse, entendeu a necessidade de as nações se «conjugarem com outras formas de organização, como é, neste caso, o grande espaço europeu».

Na obra do poeta, segundo a governadora, confluem e «ganham homogeneidade as grandes linhas de força que permitem a formação da consciência europeia, uma das quais é a resultante dos descobrimentos».

(Continua na página nove)

UMA FOLHINHA DE QUANDO EM QUANDO - NOVEMBRO 90

Poema da China

*Cavalgando na chuva
cavalgando na neve
cavalgando sempre
vão as nossas tropas
por fabulosas montanhas
por montanhas perigosas
por sobre geladas pedras
bem ao vivo
e é cavalgando que dedos gelados
caem no chão gelado também
enquanto penso eu
que há tempo sem fim
deixei minha casa
e o penso e contemplo
as nuvens pequenas
que fácil voam
no rumo do Sul
e com lamento
não ir eu podendo
também cavalgá-las.*

Tu-Fu, Dinastia Tang (618-907)

A esperança e o gosto seriam de que meu espírito tendesse a cada vez mais einsteineano, voltando, no fim do futuro, ele mesmo ao início, isto é, ao estar solto do tempo e do espaço e a ser por aí indefinível em qualquer linguagem nossa, nem mesmo na da matemática, que, além de tudo, talvez só seja para o concreto e determinado da física.

Nenhuma guerra do Golfo servirá para coisa alguma se não ajudar Israel a, pela liberdade plena de que goze, esteja onde estiver, se libertar a si próprio da contradição de ser Estado.

Um Presidente de Portugal pode ser como os Reis de outrora que, na melhor época da Nação, governavam sobretudo pelo consenso de municípios republicanos. Mas quem sabe se Rei de Portugal só poderá haver sem existir; assim à Dom Sebastião que, morrendo, tanta esperança no futuro deu à Nação; ou, muito melhor, à Dom Dom Dinis que, no presente de todos, lhes estabeleceu realidades que base do porvir foram.

Talvez um dia pudesse a História como que voltar atrás e fazer de Dom Dinis e de Santa Isabel os grandes e verdadeiros Reis Católicos. Agora, com republicano respeito por todas as autonomias, individuais ou colectivas, partiria a Ibéria das Baleares, ou de outro Reino, o das Duas Sicílias, embarcaria em Portugal, se demorando com deleite na África e na América, e se não esqueceria dos Polinésios ou de Macau. Na África e na China por novo Xavier, na América e nos arquipélagos do Pacífico Sul, por exemplo a partir de Timor, por amorosa Vontade e determinado Coração.

Se fosse da Igreja Católica, pela qual, como Assembleia de crentes, tenho naturalmente todo o respeito, solicitaria ser admitido como Irmão Servidor de Franciscanos,

sobretudo dos Espirituais de Isabel. Como o não sou, nem de qualquer outra, por ser mais veneranda a Religião a que estão ligadas, exactamente como, no campo da Política, está o Representado acima dos Representantes, ficarei, se para tal tiver suficientes méritos, apenas, e muito contente, como Irmão Servidor. E vamos a ver se, como padroeiras e acompanhantes, me traz a Vida sua Física e sua Metafísica.

O grande mistério do mundo é haver a Criatividade, incriada, universal e inesgotável, que a todo o ser transmite, por um acto de artista, a relativa criatividade, tudo sobre a base memorativa do DNA genético.

Um senhor e uma senhora cujos nomes não é preciso registar têm dois Gatos em comum, aliás Gato e Gata, que por sua natureza são dignos de todo o apreço e se portam com seus amigos humanos de um modo que diríamos perfeito — e a eles os tenho ouvido muita vez louvarem os sobreditos animais. Há dias, porém, estando onde todos moram, dei com ele, Gato, a dizer, ou miar, para ela, Gata: «Como os nossos donos são cuidadosos e gentis. Coisa memorável da parte de quem só tem duas patas e está em geral tão preocupado em passar com elas à frente dos outros.»

Para a Vida posso dizer que vim importado, sendo a origem o Céu das Idéas do velho Platão ou o Vazio Absoluto de Oriente, capazes até de serem dois aspectos do mesmo fundamental. Na vida o importante é comportar-me e aí me são amparo como que o voto de estar livre de bens; livre de possuir gente, o que dá mais para a todos amar; livre de mim próprio por também voto de obediência ao que penso fundamental no Universo, a tal Criatividade Absoluta, sempre no repetido gosto de física e de metafísica. Um dia exportado serei para onde haja, se onde houver. Como a base de tudo esteve sempre em «pôrto», tive e tenho uma existência marinheira que me dá para ser contemplativo, exegético e, vamos lá, com alguma muito relativa força criadora.

Sobre «Verso Vagabundo» de A. C. Leal da Silva

*Se vagar por terra e céus
com pleno amor da beleza
e do mistério que a enforma
é culto aos homens e Deus
que se sobreleva à norma
decerto é o mais profundo
que se poderá sentir
e ao mesmo tempo pensar
em todo o tempo por vir
em todo espaço a sonhar.*

Nunca desistas daquilo que tiver de ser feito por outros, desde que deles e do mundo sejam a honra e o proveito.

E, se não mandardes o contrário, por aqui ficaremos no que escreveu

George Agostinho

VIDA DO INSTITUTO

O NOSSO Instituto D. João de Castro segue, serena e eficazmente, cumprindo com o seu projecto de levar ao interior do País a sua mensagem de um melhor conhecimento dos Descobrimentos Portugueses, no contexto das Celebrações do V Centenário e de aproveitar esse momento para fazer uma reflexão relativa à nossa identidade nacional e sua projecção no contexto da nossa integração no grande espaço europeu.

O nosso projecto tem-se concretizado na organização de Colóquio-Debates em duas dimensões, no meio estudantil universitário e no meio do Professorado das Escolas Secundárias.

Em relação à dimensão do Professorado, temos encontrado boa receptividade e colaboração nas Câmaras Municipais, nos Conselhos Directivos e nos Professores que têm respondido aos nossos convites.

Dentro desta linha de acção, e para encerramento do ano cultural 1989-91, programou-se a realização de um Colóquio em Aveiro, de colaboração com a Câmara Municipal, com o Governo Civil e com o Conselho Directivo da ISCA, no dia 19 de Maio.

A Câmara Municipal pôs à nossa disposição o Pelouro da Cultura, de que é Vereador o Dr. Celso Augusto Baptista dos Santos, e que nos serviu de ponto de apoio para tudo quanto foi necessário para a execução do programa. O almoço aos participantes foi oferecido pela Câmara Municipal.

O Instituto Superior de Contabilidade e Administração pôs à nossa disposição o magnífico anfiteatro, apoio de equipamento pedagógico e de bar.

As três estações de rádio: Rádio Moliceiro, Rádio Independente de Aveiro e Rádio de Aveiro, cumpriram a sua missão de anunciarem o nosso Colóquio e transmitirem resumos das Comunicações.

O nosso programa ocupou todo o dia, das 9.30 às 18.30. A abertura foi feita pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal, Dr. José Girão Pereira, e o encerramento pelo Sr. Governador Civil, Dr. Gilberto P. Madal.

O Presidente da Direcção do Instituto D. João de Castro, como de costume, fez a apresentação do programa e as razões que levaram a Direcção a realizar este Colóquio na cidade de Aveiro e anunciou os princípios que orien-

tam estas actividades do Instituto e a boa aceitação que têm encontrado onde se têm realizado.

Da parte da manhã, seguiram-se duas Comunicações: «Fernão de Oliveira e a Construção Naval», por Mons. João Gaspar, seguindo-se a do Dr. Amaro Neves, que apresentaria «A herança cultural dos Descobrimentos em Aveiro».

Seguiu-se uma visita ao Museu, guiada pelo Presidente da Direcção do Instituto D. João de Castro, instalado no Convento de Jesus, construído no tempo de D. Afonso V, e onde entrou como religiosa sua filha, a Infanta Santa Joana, e onde se encontra também o sepulcro de João de Albuquerque. Na visita chamou-se a atenção para as áreas do convento da primitiva construção e para as peças dos séculos XV e XVI e muito especialmente para a estatuária em pedra de Ançã do século XV.

Depois do almoço, oferecido pela Câmara Municipal num dos restaurantes típicos da cidade, retomou-se o trabalho, sendo apresentada uma Comunicação sobre a Herança do Oriente, pelo Presidente da Direcção do Instituto, que se referiu longamente à herança histórica e cultural que se torna necessário preservar neste momento de transição de soberania.

Após a Comunicação, foi passada uma cassete «Imagem do Oriente», do Códice Cassatenense (século XVI), seguindo-se a interpretação de peças musicais dos séculos XV e XVI pelo coro da Universidade Internacional, dirigido pelo Maestro Fernando Serafim, do Teatro de São Carlos.

Seguiu-se um pequeno intervalo, para tomar café, e às 17 horas o Prof. Dr. António Marques Bessa apresentou uma bela Comunicação sobre «O Século de Ouro de Portugal».

Esta Comunicação foi seguida com um interesse extraordinário, tendo em conta o tema e a sua elaboração e o modo como foi comunicada.

Por fim, houve intervenções de vários participantes, que comprovaram o interesse que o Colóquio lhes mereceu, e às 18.30 o Senhor Governador Civil encerrava este Colóquio, que constituiu mais uma acção cultural de nível, no contexto das Festas da Cidade, em honra de Santa Joana Princesa.

A DIRECÇÃO

(Continuação da página um)

encontra neste livro uma das mais significativas contribuições.

Tão concentrada esteve a sua atenção nesse processo de mudança da sociedade civil, o qual durante a sua vida atingiu o ponto alto com o chamado movimento regenerador, que não se pronuncia sobre factos tão importantes como foram a extinção dos morgadios (1863), o problema do casamento civil (1865), o desenvolvimento da rede de comunicações, o surto capitalista na indústria, no comércio e na agricultura, que teve o seu monumento no Palácio de Cristal do Porto, em 1865 (1). Mesmo o estilo apaixonado e violento das suas famosas polémicas, como a das Verdades Irritadas e Irritantes (1866) ou a do Dr. Avelino César Calisto, a Questão da Sebenta (1833), não é transferido para o exame das questões nacionais, e o que de mais significativo produz é esta obra que Pinheiro Chagas considerou o melhor momento cômico de Camilo (2). Dedicado às futilidades da classe política, a primeira aparente evidência é que não encontra relação funcional entre a acção desta e a degradação da sociedade civil, para a qual guarda todos os seus desvelos, angústias e tremendismos. Oliveira Martins, por exemplo, no Portugal Contemporâneo, membro ele próprio da nova classe política, já não aparece tão alheio à relação causal entre uma e outra coisas.

4 — Nascido em 1825, em Lisboa, Camilo Castelo Branco cresceu na época em que o perfil internacional do País se adapta à modificação essencial que foi a independência do Brasil, e nela decorre uma nova definição das relações entre os dois países de expressão portuguesa, e ainda, nesse tempo, com linhagem real comum, sociedades civis intercomunicantes pelas migrações, a moeda portuguesa a apolar-se nas remessas do Brasil. Talvez por isso, o Brasil, e os brasileiros ou abasileirados, é praticamente o único problema a que podemos chamar de índole internacional, que ocupa e preocupa Camilo, cuja sociedade civil tem frequentemente os olhos postos no outro lado do Atlântico.

Mas, tratando-se de um traumatismo inseparável das invasões francesas, com equivalente apenas na descolonização deste século, de tal modo absorveu as atenções e energias do artista que nele se não encontram preocupações com a evolução do século XIX em geral, e os seus efeitos para a humanidade. E todavia, foi o século de aceleração da história, consequência da novidade dos processos económico, social e científico, do avanço da ciência que se manifestaria plenamente no século seguinte agora a despedir-se, tudo preparado pela mudança da economia e da sociedade (3).

Mas periféricas continuaram na visão camiliana pouco afectada por tal movimento geral, vascu'hando antes a queda interna do velho mundo, e as futilidades do novo, sem que um grande designio pareça poder nascer em tal vaso fechado.

A queda de um anj

5 — Talvez sem nome, a classe política já circulava autónoma na vida portuguesa, e o livro não deixa de identificar essa novidade perniciosa. Diz o autor: «os deputados eleitos até aquele ano, no círculo de Calisto Elói, eram coisas que os constituintes realmente não tinham enviado ao congresso legislativo. Pela maior parte, os representantes dos mirandeses tinham sido uns rapazes bem falantes, areopagistas do Café Marrare, gente conhecida pela figura desde o botequim até S. Carlos, e afeita a beber na Castália, quando, para encher a veia, não preferia antes beber da garrafeira do Mata, ou outro que tal ecónomo dos apolíneos dons» (4).

O anúncio da resolução do Morgado Calisto Elói, apoiado na disposição da esposa Teodora para aguentar o sacrifício, é ressentida como um perigo pelo Ministro do Reino, mais partidário e fiado de um poeta de Lisboa, mancebo de muitas promessas de futuro, revisteiro e pianista, mas que não pareceu candidato viável diante do levantamento do Portugal Velho, amigo dos forais, e inimigo dos regimentos parlamentares, sobre os quais diz o Morgado ao abade de Estevães estas palavras: «Eu li de tento



HOTEL ROMA

AVENIDA DE ROMA, 33 — 1700 LISBOA
END. TELEG. - ROMATEL — TELEX 16588 P
TELEPHONE 76 77 61 (10 LINHAS)

EM FÁTIMA:

HOTEL SANTA MARIA

Rua de Santo António
Telefs. (049) 51015/51025 — Telex 43108

HOTEL DOM JOSÉ

Av. D. José Alves Correia da Silva
Telefs. (049) 52215/52225 — Telex 43279

e a classe política

e vagar o Regimento, amigo abade, e a mim me quis parecer que tudo aquilo é um modo, o mais cerimonioso, de fazer calar aqueles cujos dizeres desagradam à presidência, por via de regra, mancomunada com o governo» (*).

Este encontro do Morgado com a classe política, o regimento desta, os seus modos, a sua ambição e desvergonha, tudo representado pelo Dr. Libório de Meireles, dita caricatura de Aires de Gouveia, Ministro da Justiça, tem expressão no dramatismo das suas primeiras intervenções parlamentares, onde Caçarelhos é o ponto de referência do mundo que valerá a pena ser vivido, mas que porém vai desaparecendo sacrificado à sofreguidão dos donos do poder político.

Durante muitos e longos anos, cartistas ou republicanos, continuaram a viver sobre esta divisão em que os rituais democráticos, a que se procede nos órgãos e exercício da soberania, não correspondem à sociedade fechada e rural onde os titulares da soberania vão recolher as aparências da legitimidade e do mandato popular. Dizia o Morgado, depois de uma sessão da Câmara: «Todos ressabem a ervilha; uns estão gafados de francesias, outros tresandam

nos seus dizeres a bafio, que os bons seiscentistas rejeitaram. Carecem de cunho nacional estes homens. O mau português principia a sê-lo, desde que marea a pureza de sua língua. Dêem-me portugueses de língua, e eu bandearei com eles, como com portugueses de coração. Com aquele Dr. Libório do Porto nem para o Céu. Tenho medo que Deus o não entenda, e nos ponha ambos fora, de cambuthada» (*).

6 — Este fenómeno da classe política não chamaria a atenção de analistas das ciências sociais que então não tínhamos, mas haveria de ser parte importante das críticas, mais participativas da vida pública, por exemplo, de Antero de Quental, de Eça de Queiroz, de Ramalho Ortigão, de Bordoalo Pinheiro, para finalmente se transformar num tema banal dos nossos dias.

Não se trata do conceito marxista de classes, formulado certamente com menos verdade, mas com superior dignidade à que valorativamente identifica o aqui referido conceito de classe política. E isto porque ousou confessar, à modernidade governante, que, «temerosos de serem esmagados» pela dissolução reinante, cuidava ver «D. João de Castro, que empenhou as barbas, e tem duas árvores em Sintra; o Duarte Pacheco, que vai entrar no hospital; e Luis de Camões, que vem comer as sopas dos frades de S. Domingos. Cada época tem centenas destas illustres vítimas» (*).

Mas não foi o caminho dessas centenas de vítimas de cada época, que seguiu o português antigo vindo à cidade para defender os valores do país real, do campo sacrificado, dos contribuintes aos quais não chegam os serviços da administração pública, o ensinado pelos clássicos que assumira verberar os estrangeirados, o defensor da fé com a primeira intenção de expulsar os vendilhões do templo.

Ao contrário, dá por demonstrado que o Reino de Deus não é deste mundo, que Miranda não deixaria de pertencer ao nordeste abandonado à conta do sacrifício do deputado, e que não lhe adiantava nada, pessoalmente, que os jornais afectos entendessem que «à parte as denúncias escolares do seu discurso, dera uma útil, bem que severíssima lição, aos meninos que fogueteiavam com o País, indo ao santuário das leis bailar em acrobatismos de linguagem, que seriam irrisórias em palestras de estudantes de selecta segunda» (*).

Aos teimosos dos princípios não acontecem as Ifigénias deste mundo, e dar por isso aos quarenta e quatro anos de tradicionalismo, de latim, de presunto, de salpicão, e de prima Teodora, é um safanão quase desatempado, que obriga a escolher entre a virtuosa resignação e a pressa de recuperar o tempo perdido. O tumulto amoroso, como não podia deixar de ser, vinha do Brasil, orfã, viúva de um pai, amigo, e mestre, que tivera o nome de marido.

GERTAL ESCOLAR ALIMENTA O FUTURO



gertal

Gestão de Qualidade

O equilíbrio alimentar é uma condição necessária ao bom desenvolvimento da criança e do adolescente.

Os profissionais da GERTAL, apoiados por uma seleção e uma formação rigorosas e por uma vasta experiência em inúmeras instituições escolares, asseguram-lhes uma relação de confiança e um Serviço de Qualidade.

Por isso os Alunos, os Professores e os Auxiliares Educativos usufruem do prazer de uma seleção esmerada com base em produtos rigorosamente seleccionados.

GERTAL - Av. Infante Santo, 23 - 1275-119 Lisboa - Tel.: 34 47 34 - Telex: 12757 Gertal P - 1275-1199 Lisboa
PORTO - Rua General Sampaio, 575 - Tel.: 49 99 23 - Telex: 2346 Gertal P Porto - 4100 Porto

(Continua na página doze)

Movimento de Sócios

No seguimento da lista publicada no n.º 9 de Roteiros, temos o prazer de comunicar a entrada dos seguintes sócios, a quem saudamos e damos as «Boas Vindas» ao nosso Instituto e desejamos nos acompanhem na vida do Instituto:

Prof. Dr. Políbio Fernando Amaro Valente de Almeida
Rua D. Duarte de Menezes, 11
2775 S. Domingos de Rana

Dr. António Forte Salvado
Av. Nuno Álvares Pereira, 4-A-3.º
6000 Castelo Branco Telef. 2 25 70

Dr. António Alves Fernandes
Av. Pedro Álvares Cabral, Lote 4-3.º-Dto.
6000 Castelo Branco Telef. 2 67 05

Dr. Diogo Inácio de Vadre Castelino e Alvim
Av. Visconde Valmor, 7-2.º-Dt.º
1100 Lisboa Telef. 77 29 46

Jorge Alberto Guerra
Rua Dr. José Gomes Cruz
3065 Tocha

José Alberto Amorim Coelho
Rua do Murado
Mozelos — 4535 Feira Telef. 764 23 97

Prof.ª Cesaltina Ribeiro Gouveia Grilo
Avenida 1.º de Maio, 5-1.º
6000 Castelo Branco Telef. 2 76 30

Dr. Mário Gonçalves Carneiro
Rua Direita
5400 Chaves Telef. 2 12 22

Dr. António de Sousa e Silva
Monte da Volta
Vila Nova de Veiga — 5400 Chaves

Prof. Dr. António Costa Albuquerque de Sousa Clara
Avenida da Dinamarca, 471
2765 Estoril Tel. 268 68 90

Dr. Vítor Valle Domingues
Rua dos Açores, 84-1.º-Esq.
1000 Lisboa Telef. 57 73 11

Dr. Manuel Jorge Proença
Rua Nuno Álvares, 44
6300 Guarda Telef. 2 15 05

Dr. Manuel Acácio dos Santos Trigo
Rua Duque de Palmela, 27-4.º-Esq.
1200 Lisboa Telef. 56 04 80

Dr. Albero Manuel Trovão do Rosário
Casal de S. Julião — Estrada do Cemitério
2950 Palmela Tel. 235 05 06



AGR
viagens

Rua Rosa Araújo, 49-A — 1200 LISBOA
Telef. 527858 - 560382 — Telex 42754 Acptur P
Fax 540903

FILIAIS:

Shopping Center de Lisboa (Amoreiras), Loja 1122
Telef. 691342 - 691359 — Telex 64888 Acpamo P
Lic. Op. Tur. DGT n.º 378
Fax 691442

Rua de Santa Catarina, 848/852 — 4000 PORTO
Telefs. 200 24 99 - 200 25 00
Telex 27133 Acptu P
Fax 200 25 02



O atendimento

mais acolhedor

o serviço mais eficiente



HOTEL ***
DIRECTOR *Regina*
Vasco Filipe Perfeito



TELEFS. 52303 - 52373 - 52393

TELEX: 17 118

2495 FATIMA (Portugal)

DOS HERÓIS E DAS PÁTRIAS

António Marques Bessa

As pátrias vivem tempos paradoxais. No Leste, as nacionalidades, há decénios submetidas à repressão e ao formalismo das convenções acordadas entre os Estados vencedores da Guerra de 1945, irrompem com as suas bandeiras, as suas tradições, os seus gritos de júbilo nas línguas nativas. O tempo é rápido, e uma fúria de viver em plenitude o espírito nacional irrompe nas regiões mais remotas. A experiência do Estado como organização peculiar dos povos, erguido e desenvolvido para sua defesa, volta a solicitar a apetência das etnias, recordadas da sua História. Não querem Estados gigantescos e Imperiais: querem a sua pequena pátria, discutir e resolver os seus problemas ao calor da fogueira, sob a bênção dos antigos heróis, outra vez a cavalgar no céu dos países. Checos, eslovacos, eslovénios, moldavos, pequenos russos, ucranianos, russos brancos, grandes russos, croatas, montenegrinos, macedónios, albaneses, lituanos, estonianos, letões, minoria que não tinham voz nos Impérios, erguem bandeiras e unem-se num entusiasmo viril que há muito não atravessava as terras cansadas da Europa. A *Casa Europeia* não pode ser senão a casa das diversas etnias — onde todas e cada uma estejam livres e em paz, contribuindo para a cultura geral do Ocidente com os seus particularismos, na grande heterogeneidade que caracteriza tudo o que está vivo.

Mas este movimento a Leste surpreende os povos cansados de carregar durante séculos o peso da sua existência. O Oeste não tem estes entusiasmos, salvo em lugares pouco falados, como as Vascongadas, a Catalunha, a Córsega, a Bretanha, a Irlanda do Norte, expoentes de uma incompreensão e de uma teimosia que desafia «o sentido da História», tal como ele quer ser compreendido em Bruxelas. As velhas nações aprestam-se para a fusão, mais uma experiência a acrescentar às inúmeras tentativas de união que se fizeram desde o Império Romano. E quando do Leste vem o grito irreverente da soberania étnica, no Oeste corre o eco contrário: os países preparam-se para apagar paulatinamente o que do Rio Oder para lá está a arder. Os heróis começam a recolher-se às suas grutas. *Albuquerque* é polémico; *Alvares Pereira* um inconveniente; *Dom João IV* uma inconsequência; *Camões* um exagerado; *Afonso Henriques* e os barões portugueses um sonho nebuloso no *limes* de Leão e *Al Andalus*; os *Descobridores* de quinhentos deviam ter ficado em casa a fazer a redimensionação das terras e a introduzir melhorias; o *Anjo de Portugal* cometeu um grave erro ao surgir mais que uma vez em Fátima; o *Infante Dom Henrique*, em vez de pensar no mar, devia, para nosso bem, ter descoberto o mais rápido caminho terrestre para Bruxelas.

Enfim, *Fernão Lopes* nunca deveria ter escrito a *Crónica de D. Fernando*: é que o País e os Portugueses estão aí vivos em demasia. Excessivamente. E todos os excessos, como se sabe, são condenáveis. Os heróis têm que recolher porque está a sair dos escritórios a gigantesca e plurifacetada burocracia internacional. E esses *managers* é que são os novos heróis. Os heróis da homogeneização, do nivelamento pela riqueza e pela massificação. Mas

isso é que é bom, post-moderno, final. Eterno, como o Império de Napoleão.

Talvez seja útil actualmente compreender que a *Casa Comum Europeia*, conceito apresentado por Gorbatchov, não é recente nem russo. Foi, antes disso, de um semi-português: o Imperador *Carlos V*, cujo túmulo vazio nos espera sempre no Convento de Yuste, mesmo ali ao pé de Oropesa, na estrada para Madrid. E talvez não seja mau perceber que a *Casa* será tanto mais rica quanto mais tesouros possuir: e esses tesouros são as culturas imponderáveis e ricas de cada povo, expressos na sua liberdade criativa organicamente enraizada na sua História, que abarca as memórias de todos, e, sobretudo, a dos Heróis.

Não façamos que o Anjo vele a sua face, que Camões chore sobre nós e que os outros se escondam no frio e no escuro.

Colóquio / Debate na Guarda

(Continuação da página três)

Marília Raimundo evidenciou a necessidade de Portugal preservar a cultura e língua portuguesas, como afirmação da identidade nacional no espaço europeu.

A língua portuguesa constitui, na sua perspectiva, a base «de identificação, o suporte jurídico, histórico e cultural do nosso povo, que assinala e identifica as gerações».

«A integração de Portugal na CEE nunca pode significar a solvência cultural portuguesa mas, pelo contrário, recoloca aos portugueses o desafio da redescoberta de uma cultura que possui indeléveis raízes históricas em todo o mundo», disse Marília Raimundo.

A Governadora Civil da Guarda frisou o facto de terem sido os portugueses a iniciar «o movimento de civilização transoceânica da Europa, projectando para além dos mares, uma cultura que estava confinada aos seus limites naturais».

Acrescentou que não houve qualquer país que tivesse suplantado Portugal na capacidade de se adaptar a outras civilizações.

O seminário teve a participação, nomeadamente, de Ângela Barreto Xavier, que abordou a influência dos descobrimentos na Guarda e, de uma maneira geral, no Manuelino, Gótico e Renascimento, em Portugal, tomando como exemplo a catedral da Guarda, que possui aqueles estilos.

* * *

Como palavra final, o Presidente do Instituto D. João de Castro agradeceu muito penhoradamente à Senhora Governadora Civil e ao Senhor Presidente da Câmara Municipal os apoios que permitiram realizar este Colóquio, de tão alto e bom nível cultural, que veio enriquecer as Festas das Comemorações dos 791 anos da fundação da cidade da Guarda.

Pe. Joaquim António de Aguiar

O GATT COMEU A PAC

É curioso o desconhecimento que a generalidade dos portugueses têm sobre o que são e o que significam as negociações do GATT — ACORDO GERAL PARA AS TARIFAS E COMÉRCIO.

O seu desenlace pode, porém, ter consequências mais graves para a economia mundial do que a crise no Golfo.

A evolução das cotações nas Bolsas de todo o mundo poderá estar a reflectir essa situação mais que os movimentos especulativos relacionados com o petróleo.

Em Portugal estamos habituados a ver chegar os Ministros da Agricultura de Bruxelas, anunciando importantes vitórias e subsídios obtidos nas negociações comunitárias; ao fim de tantas batalhas, a CAP anuncia o fim de centenas de milhares de empresas agrícolas, por não terem condições de combater, em preço e qualidade, os produtos de outros países da CEE e os oriundos de outros espaços com os quais estabeleceu acordos especiais de comércio.

No campo das pescas, há que registar importantes ganhos na modernização da frota costeira, registados nos últimos anos; anuncia-se agora que a Comunidade vai subsidiar um programa de quatro milhões de contos para a fiscalização da zona económica exclusiva (ZEE).

Dizem os entendidos que quando aplicados com rigor os Regulamentos que visam a manutenção dos stocks vão ser amarradas muitas embarcações ao cais.

Na pesca longínqua o panorama é, contudo, menos animador.

Os países donos dos grandes pesqueiros pretendem cada vez mais vê-los apenas explorados pelas suas frotas nacionais, de forma a que o valor acrescentado resultante de transformações do pescado reverte integralmente para as suas economias; para isso contam com o beneplácito implícito da Comissão das Comunidades Europeias e do seu presidente, o Sr. Dehlor.

O raciocínio é simples:

Considerado em termos globais, é social e economicamente vantajoso que áreas com maiores potencialidades de exploração de bens primários devam ter a sua produção colocada na Comunidade, propiciando o aumento da riqueza e bem-estar dos seus cidadãos e dos Estados, facilitando a resolução da sua dívida externa e tornando-se assim mercados mais apetecíveis para os países desenvolvidos da Comunidade.

Por exemplo: se o Brasil e a Argentina pudessem colocar livremente no Mercado Comunitário a sua produção agrícola e pecuária, os cidadãos europeus poderiam adquirir esses bens de melhor qualidade (quem já provou um bife da Argentina?) a um preço consideravelmente mais baixo.

Os resultados de uma tal política, em termos de sobrevivência dos agricultores europeus, e nomeadamente os portugueses, são fáceis de imaginar.

Pena é que só agora a CAP venha tornar pública a sua posição e o Governo continue a declarar que esta atitude é alarmista.

As negociações do GATT vieram tornar imparável esta tendência.

Para além delas se estenderem a muitas outras áreas da actividade económica, a sua falência significaria a recessão económica mundial com a implementação de políticas proteccionistas em todo o lado.

Admite-se que possa haver acordo, e que, embora mitigadas as exigências dos Estados Unidos e do Grupo de Cairns, venham a ser adoptadas a médio prazo.

Isto significa o fim da política agrícola comum (PAC), verdadeiro alicerce da Comunidade que tem assim a sua morte anunciada a prazo.

O Mercado Único Europeu terá lugar a partir de 1 de Janeiro de 1993; será assim diferente da Comunidade com que foi celebrado o Tratado de Adesão em 1985.

Estarão os Portugueses conscientes desse facto?

Paulo de Ascensão
Economista



CAVES DA

Montanha

A. HENRIQUES, L^{da}

SEDE EM: ANADIA — PORTUGAL

Teleg.: Montanha
 Telef: 52200 e 52011
 Telex: 53081
 Apartado 18
 3781 ANADIA CODEX



«A. HENRIQUES» — O REI DOS ESPUMANTES

7 CONCURSOS DA J. N. V. = 7 MEDALHAS DE OURO |
 CONCURSO DE BUCARESTE = 1 MEDALHA DE OURO |
 CONCURSO DE BRASÍLIAVA (1971) = 1 MEDALHA «OR» |
 Concurso de Brasíliava (1975) = 1 MEDALHA «GRAND OR» |
 CONCURSO DE MILÃO (1976) = 2 MEDALHAS DE OURO |



Espumantes Naturais - Vinhos do Porto - Licores Superfinos
 Brandies - Aperitivos - Vinhos de Mesa